

Praças de Pôrto Alegre

Maria de Lourdes da Silva e
Ilse Arnt Pilz

As praças só começaram a ter importância, como espaço plantado, no fim do século XVIII, depois da Revolução Francesa.

Na Idade Média, as praças apresentavam um triplice aspecto:

Praça da Igreja — era o largo onde os padres faziam suas preleções ao povo.

Praça do Senhorio — era o lugar onde, entre outros acontecimentos, realizavam-se os julgamentos, justificando-se, por isto, a presença das forças, neste local.

Praça do Mercado — local de exposição de mercadorias e transações comerciais.

Depois da Idade Média, com o crescimento do comércio, especialmente na Itália, pela importância de suas cidades comerciais, a Praça se modificou, adaptando-se às novas relações de poderes. Houve, então, separação, e a Praça da Igreja, do Senhorio, do Mercado, antes unificados, divorciaram-se, apresentando, no entanto, esporadicamente, ligações entre si.

Nesta época não apresentava, a Praça, a arborização que hoje a caracteriza.

Com o surgimento de grandes fortunas, já havia, na época, casas senhoriais com amplos jardins, podendo-se destacar, como exemplo, a Vila D'Este, um dos jardins mais célebres da Itália — o grande parque do Cardeal Hipólito D'Este, com 300 fontes.

Depois da Revolução Francesa, os grandes jardins privados foram abertos ao público. Isto, não apenas pelo aspecto político, mas também, porque os administradores já haviam notado que a grande concentração humana das cidades criava problemas de ordem sanitária. Surge, então, a árvore como necessidade.

Na época dos Médicis, começaram a ter importância as plantações de árvores por duas razões:

a) **Mall** — jogo popular que necessitava de grandes áreas gramadas e árvores de sombra acessórias.

b) «**Côrso à Rainha**» — espaço criado pela própria rainha para sua distração — grande avenida, com 4 fileiras de árvores, onde a rainha passeava de carro. Foi a primeira vez que a árvore tomou parte nos logradouros públicos.

Com referência à regularização de praças numa cidade, as normas brasileiras, seguem de perto, as da Califórnia.

Apresentam quatro espaços fundamentais:

1 — **PLAY-LOT** — lote aproveitado para recreação mais rudimentar: tanque de areia, es-corregador; é a área que se usa quando não há espaço livre para sistema de recreação. O Play-lot, é característico nos Estados Unidos, em bairros mais pobres, os chamados «slam», que são zonas da cidade, fora de época, com construções antigas, cujos proprietários decaíram na escala social, sendo suas casas transformadas em casas de cômodos, tornando o bairro de péssimas condições higiênicas. Não havendo área reservada, fecham uma rua, e fazem ali a recreação. São as chamadas «ruas de Recreio».

2 — **PLAY-GROUND** — corresponde à área que deve abranger uma escola primária, num raio de 400 metros. Sua extensão deve ser de 1 a 4 hectares. Normalmente, temos aqui, espaços de menos de um hectare, devido à falta de cuidado da administração e ganância dos proprietários de terrenos. Sua área deve conter certos elementos que possam atender a todas as idades: infância, juventude, velhice.

3 — **PLAY FIELD** — de 4 a 16 hectares, deve abranger a área correspondente a um ginásio, 800 metros de raio. Além dos elementos exigidos ao Play-ground, deve apresentar outros como: estádio regular, concha acústica, etc...

4 — **PARQUES** — mais de 16 hectares. Deve servir a uma comunidade, apresentando elementos como: área para acampamento lago, piscina e muitos outros.

Tendo em vista o espaço aberto e seu aproveitamento, observa-se a aspiração dos urbanistas de manter a unidade entre a praça e o trecho urbano, entre a arquitetura e a cidade.

«Mas, quase sempre, pela dificuldade de conseguir elementos gráficos e informações precisas, o urbanista, limita-se às considerações de ordem física ou topográfica e não passa do estudo da circulação, do acesso e do estacionamento. A composição do espaço aberto, inteiro, com os pontos de vista principais, fica protelado sine die ou transferido para o poder público».

No que diz respeito à regulamentação quantitativa, temos que deve haver, na zona urbana, 10% de área verde e, na zona rural, 15%.

Pôrto Alegre, está muito aquém do mínimo exigido, uma vez que sua percentagem de área verde é de apenas 0,6% pois, apesar da Carta Topográfica da cidade acusar 110 praças, verificamos que, a grande maioria destas, são simples espaços abertos que não possuem as condições exigidas a um logradouro público.

Dentre as 110 praças referidas, vamos focalizar, em nosso estudo, as mais importantes, isto é, as que apresentam algum interesse, do ponto de vista histórico, cronológico, urbanístico, uma vez que, as demais, ou são de criação mais recente ou, como já foi dito, não apresentam as condições mínimas exigidas a um logradouro público.

Tais praças, localizam-se, de modo geral, no perímetro central, que é, em síntese, a parte mais antiga da cidade.

PRAÇA MARECHAL DEODORO

Foi também chamada, antiga da Matriz ou Praça do Palácio.

Foi iniciada em 1772, sendo delimitada pelos urbanistas, engenheiros militares, capitão Montanha e José de Saldanha, por ordem do Governador José Marcelino de Figueiredo o mesmo que, em 1773, transportou a capital do Estado, de Viamão para Pôrto Alegre.

«A própria localização da Praça, atendia às razões topográficas e urbanas, pois, já na ocasião, os maiores centros de interesse se localizavam no lado norte do divisor de águas (rua Duque de Caxias), encosta protegida do vento sul.»

Já ao iniciar-se o século XIX, estava, aquele logradouro, enriquecido por importantes edifícios. «A capela do Divino, fôra construída em 1778, destruída e construída mais de uma vez; a Matriz da Madre de Deus, ficara concluída em 1780, e a casa da Junta, em 1790, reconstruída

70 anos depois para melhor atender sua nova utilização como Assembléia Legislativa. Era pois, um centro que reunia funções civis e religiosas de maior importância, interessando a toda a população. Tal era este interesse que os moradores da vizinhança, chegaram a pedir a abertura da rua Espírito Santo (1817), para mais fácil acesso àquele centro. Em algumas plantas da metade do século passado, essa rua, já então consagrada, figura com o nome de Império. Império, era chamada a casa, o prédio, a sede, enfim das festividades populares associadas ao culto. Tais festas transbordavam do prédio e espalhavam-se na Praça. A Festa do Divino, tornou-se uma delas, que, até início do século XX era ali realizada.»

Praticamente, como Praça, começou a existir em 1865, com o nome de Praça Dom Pedro II, em homenagem à estada do imperador aqui, por ocasião da rendição de Uruguaiana. Antes, havia um Largo que era conhecido como Largo da Matriz ou Largo do Palácio.

«É curiosa a observação de Saint Hilaire sobre a topografia daquele Largo. A rua da Igreja, atual Duque de Caxias era sustentada por um muro de arrimo, ficando a área da Praça, propriamente dita, em plano inferior e o limite norte ia, então, até a rua Riachuelo.

No lado leste ficava, fazendo esquina com a rua Duque de Caxias, a Intendência Municipal e, na outra esquina, com a rua Jerônimo Coelho, a Repartição das Obras Públicas.

Até a terceira década do século passado, a Praça incluía, também, a rua Riachuelo. Foi então, que iniciaram as fundações da nova «Casa da Ópera» (Teatro São Pedro), para substituir a que até então existia no chamado «Beco da Ópera, (rua Uruguai). Nas plantas de 1837 e 1839, elas já aparecem. A obra foi interrompida durante a Revolução Farroupila e continuou, logo depois ficando concluída no ano de 1858, quando foi inaugurada. O segundo dos prédios, nesta fachada, foi construída para a Casa da Câmara e Junta Criminal, (mais tarde o Palácio da Justiça) e disposto de tal forma que marcou, junto com o Teatro São Pedro, a continuação da rua da Ladeira que criaria, não fôsse o forte aclave desta, o mais importante eixo da Praça.

O lado oeste da Praça Marechal Deodoro, que é o que mais nos interessa em virtude da construção do Palácio Legislativo, foi o que levantou maiores questões para a definitiva consagração de seu alinhamento. Na planta de 1837, vemos ainda, uma construção no alinhamento da rua Duque de Caxias, que viria até a beira da cal-

cada atual. Os documentos nos provam que foi interesse do Governo, no início do século passado, alargar a Praça, porquanto, não havendo o prédio do Teatro e da Junta Criminal, tinha ela mais profundidade que largura e, os que então se preocupavam com tais problemas deveriam ter achado que esta proporção a «enfeitava». Procuraram formosé-la desapropriando a propriedade de D. Maria Manoela de Alencastro, no período entre 1803 e 1808, com o pagamento de 500\$000.

Poucos anos mais tarde, a área restante foi ocupada pela primeira Hidráulica Portoalegrense, cujo projeto, feito em Paris, é datado de 20 de abril do ano de 1864.

Assim foram os alinhamentos da Praça Marechal Deodoro e assim permaneceram. O espaço aberto ainda teve modificações diversas, numa dinâmica específica no que diz respeito à área da Praça propriamente dita.

Muito antes dela ter sido utilizada para as primitivas e ingênuas festas religiosas, foi ocupada pelo cemitério que só se teria trasladado para os fundos da Igreja, onde mais tarde, seria construído o Seminário, quando houve interesse de construir, no alinhamento sul, o primeiro Palácio do Governo. Muitas obras de embelezamento, então, foram feitas.

Houve um muro de arrimo e pavimentação de grês. Houve um caminho de pedra, ligando o Palácio do Governo com o Teatro São Pedro, em meados do século.»

«É interessante notar que, numa determinada época, antes de qualquer plano de arborização, ou ajardinamento, resolveram plantar coqueiros, e os plantaram próximos aos alinhamentos de fachadas ou aos monumentos e, com isto, tiveram a intensão plástica de ligar os volumes construídos com os elementos geométricos da Praça, já em nítida preocupação esteticista, até que, em 1869, surge a intensão de arborizar, realmente, o espaço. Foi o vereador Ferreira que pediu esta arborização, em 16 de fevereiro daquele ano. Mas, o ajardinamento mesmo, só foi completado em 1881, com base em planta fornecida pelo governador da Província, através de uma comissão executiva, constituída de 3 vereadores que, em seis meses, concluiu seu trabalho. O custo deste ajardinamento foi de pouco mais de 16 contos, para o qual concorreu a contribuição popular por meio de festas beneficentes, com 2:514\$000, e o próprio governo da Província com o restante».

Quando de sua arborização, havia, na Praça, 20 oliveiras, das quais, restam apenas 3.

Era cercada por gradis de ferro, com quatro

portões, que, às 22 horas fechavam-se, como era de costume. Os quatro portões localizavam-se da maneira seguinte:

1.º — para o lado do «beco do Império»

2.º — de frente para o Palácio

3.º — de frente para a sociedade Partenon Literária e Bailante, primeira do Rio Grande do Sul, e segunda do Brasil (aí a primeira mulher gaúcha subiu à tribuna para falar publicamente — a professora Luciana de Abreu)

4.º — de frente para o Teatro

No época em que se denominou Praça D. Pedro II, esse logradouro, era faceado pelos edifícios da Câmara Municipal (atual prédio de n.º 170), Teatro São Pedro, Sociedade Bailante, demolida para dar lugar à construção do Auditório Araújo Viana, ora em demolição para dar lugar à Construção do Palácio Legislativo; antigo Palácio do Governo; antiga Catedral Metropolitana; Secretaria do Comando das Armas e diversas edificações Particulares. Na Praça, havia, também, o «Polo Norte uma espécie de bar-restaurant, frequentadíssimo, tanto de dia como de noite.

No local onde, atualmente, está o monumento a Julio de Castilhos, havia um grande chafariz, todo de mármore, executado sob orientação de Adriano Pitanti, um especialista no gênero. Era formado por 4 figuras que represnetavam os 4 rios formadores do Guaíba: Cai, Jacuí, Gravataí e Sinos, sendo encimado pela figura representativa do Guaíba ou Lagôa do Viamão, como era chamado. Este chafariz existiu até 1924, quando foi retirado, por Otávio Rocha, por achar desnecessária, sua coexistência com o monumento a Julio de Castilhos. O chafariz, quando retirado da Praça foi colocado a um canto do Teatro São Pedro, sendo que a figura que representava o Guaíba, quebrou-se e foi vendida como mármore velho; as demais foram vendidas a um marmorista. Em 1931, quando Alberto Bins organizou a Praça Dom Sebastião, comprou, do mesmo marmorista, por considerá-las históricas, as mesmas figuras. Estava o antigo chafariz, cercado por um artístico gradil de ferro, do qual, de espaço a espaço, surgiam candelabros, iluminados a gás, que era o sistema de iluminação então existente.

Além do chafariz, novo enriquecimento recebeu a Praça: a 2 de fevereiro de 1885 foi inaugurada a estátua do Conde de Pôrto Alegre mas, como queriam colocar, na Praça, um monumento a Julio de Castilhos, em 1910, o monumento ao Conde de Pôrto Alegre, foi transferido para a antiga Praça do Portão que recebeu, a partir daí, a denominação de Praça Conde de Pôrto Alegre.

Em 1914, foi inaugurado o monumento a Julio Prates de Castilhos, de autoria do escultor Décio Vilares e, nesta ocasião, foram retirados os gradis que a circundavam, sendo a primeira Praça portoalegrense a perdê-los.

Sua atual denominação vem da época da proclamação da República. Na noite de 15 de novembro de 1889, enquanto o povo esperava a decisão governamental, foram retiradas as placas de D. Pedro II e colocados cartazes que a denominavam PRAÇA MARECHAL DEODORO.

PRAÇA DA HARMONIA

Pelo mapa de 1839, de autoria de Antonio Pereira Dias, o segundo mapa conhecido, da cidade de Porto Alegre, tomamos ciência de que o chamado «Largo da força», não se situava, exatamente, no local da posterior Praça da Harmonia. Sua localização verdadeira, era em frente à atual Igreja das Dôres, outrora pequena capela, seguindo, aliás, a tradição de que todas as forças deveriam se situar frente às Igrejas, no local da atual avenida Pe. Tomé, antiga Praça Pe. Tomé, entre os dois quartéis: do exército e da brigada.

Tôda aquela zona era denominada Praia do Arsenal. Por volta de 1797, foi ali colocada uma bica, depois melhorada, para que o povo da zona que era a mais populosa da cidade, tivesse «água potável», conforme afirmativa da própria Câmara Municipal. O local, no entanto, não passava de simples faixa de praia, como se poderá verificar pelas plantas até meados do século XIX.

Em 1857, foi iniciado o aterro para construção da Praça. Em 1864 foi concluído o aterro e iniciada a arborização, constituindo-se na primeira Praça arborizada de Porto Alegre. A arborização foi feita de tal forma que transformou aquele logradouro num verdadeiro capão, sendo chamada de Praça dos pássaros e da molecada.

Onde havia a bica foi erguido um chafariz de ferro fundido que foi executado em Paris e que, posteriormente, desapareceu.

Do lado do rio havia pilares com grossas correntes trabalhadas.

De frente para a rua da Praia, havia um gradil de ferro com um portão que era encerrado às 22 horas.

Em 1864, acabando com a força, defronte da Igreja das Dôres — como Homenagem a este fato, foi-lhe dado o nome de Praça da Harmonia, sendo que, em 1867, foi informado ao Ministério da Guerra que o logradouro da força, fôra «destruído por inútil».

No início do século, pela época de 1920, era conhecida como Praça dos poetas e namorados.

Em 1920, querendo o governo do Estado, continuar as obras do cais e não tendo local para colocar as pedras e fundir os blocos de cimento, solicitou, por empréstimo, a Praça da Harmonia, comprometendo-se a devolvê-la, arborizada como estava. Em 1942, por ocasião da guerra 1939/1945, o Estado emprestou metade do terreno para o exército e, em 1958, foi exigido da Prefeitura que apresentasse provas de ser, realmente, proprietária do local, para que este lhe fosse devolvido. Finalmente, em meados de 1960, foi efetuada, pelo exército a devolução de uma parte de seu empréstimo.

A Praça da Harmonia foi idealizada e construída pelo vereador José Martins de Lima. Quando este faleceu, a Câmara legou seu nome à Praça que passou a ser chamada de Praça Martins de Lima.

Com a revolução de 3 de outubro, passou a chamar-se de Praça 3 de outubro.

Atualmente, cogita-se sua restauração, voltando à antiga denominação de PRAÇA DA HARMONIA.

PRAÇA SENADOR FLORENCIO DE ABREU

A Praça Senador Florêncio era, primitivamente propriedade particular, possuindo algum arvoredor e uma casa muito comprida, localizada, quase em frente à atual Caixa Econômica Federal, ocupando, mais ou menos 3/4 da Praça em quase toda sua extensão, desde a rua 7 de setembro, até a rua da Praia. Onde começa a atual rua 7 de setembro, chegava ainda o Guaiaba e havia ali, um cais com escadaria, que servia de desembarcadouro.

No ano de 1903, esta casa foi alugada pelo governador Paulo da Silva Gama, para ali ser instalada a Alfândega. Passou o local a chamar-se Praça da Alfândega, nome pelo qual, ainda hoje, é conhecida pela maior parte da população portoalegrense. Apesar de ostentar, atualmente, o nome de Praça Senador Florêncio de Abreu.

A Alfândega pagou aluguel, até o ano de 1922, quando faleceu o último dos proprietários (família Candal). A partir daí, o município tomou conta do local e foi arborizando-o sem levar em consideração os direitos de propriedade.

Em 1924, o edifício da Alfândega foi demolido e começaram a dar uma organização definitiva à Praça.

Monumento a Osório na Praça Senador Florêncio

O chafariz e o monumento a Osório que hoje a embelezam, foram construídos pela época de 1930 e há poucos anos, foi instalado um recanto para diversão infantil, com balanços, gangorras, escorregador, tanque de areia, etc...

PRAÇA 15 DE NOVEMBRO

A Praça 15 de novembro era chamada, primitivamente, de Largo dos Ferreiros e depois, Largo do Mercado. Largo dos Ferreiros porque ali existiu a primeira ferraria e a primeira fundição de bronze. Largo do Mercado porque em 1824, Saturnino Souza Oliveira, construiu um mercado, espécie de feira, sendo que no centro, havia mato.

Em 1856, foi demolido o antigo e construído o novo mercado e a praça ficou livre, constituindo-se em Largo das carretas. Este novo mercado era, de um só andar, sendo acrescido de mais um, apenas em 1910. Em 1912, incendiou-se e foi reconstruído, conservando-se até hoje.

Em 1856, era uma pequena Praça. Em 1870, foi solicitada licença para criar um quiosque, espécie de restaurante familiar, para recreio, nas noites de verão.

Nesta época, a Praça era circundada por um gradil de ferro, com 4 portões de entrada, ajardinada, ensombrada de grandes e belas árvores, com uma gruta, um regato, uma ponte e chafariz com repuxo. Apresentava, como raridade, árvores de cânfora, sendo que a última delas foi adquirida pela Drogeria Ervosa para extrair dela a cânfora.

Em 1875, quando da visita do Conde D'Eu, passou a chamar-se Praça Conde D'Eu.

Na noite de 15 de novembro de 1889, com os acontecimentos da República, foram arrancadas, pelo povo, as placas alusivas ao Conde D'Eu e, colocados cartazes que a denominavam **PRAÇA 15 DE NOVEMBRO**.

PRAÇA PAROBÉ

Até ali ia o rio. Era a antiga «doca das frutas.» Em 1924, quando Otávio Rocha, aterrou o local para construção do cais, perdeu sua expressão, transformando-se em Praça Parobé. No entanto, na realidade, nunca foi, exatamente uma Praça; seria mais exato chamá-la de Largo Parobé.

Há poucos anos foi destruída sua escaça arborização com a finalidade de transformá-la em ponto para estacionamento de automóveis.

PRAÇA DOS BOMBEIROS

Era rio. Depois foi aterrado e ali colocaram uma fonte pública, mais tarde transformada em bebedouro para animais e que existe até hoje.

PRAÇA DOM FELICIANO

Localizavam-se, naquele local, os terrenos particulares do desembargador Luiz Teixeira de Bragança, sendo doados por ele e sua esposa para a Santa Casa de Misericórdia.

Aquele local era mais alto que atualmente, uns 3 metros e caía, repentinamente. A Santa Casa era cercada por um muro revestido de azulejos de Santo Antonio, vindos de Lisboa.

Em 1865, foi rebaixado o terreno e arborizado o local da Praça, não tendo sido ocupada pela Santa Casa por achar-se muito próxima do movimento da estrada da Aldeira dos Anjos (av. Independência), caminho para a aldeia de Nossa Senhora dos Anjos de Gravataí, antigo reduto de indígenas que abandonaram Porto Alegre quando de sua ocupação.

PRAÇA DOM SEBASTIAO

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, iniciada em 1857, foi terminada em 1870. É interessante notar-se, como curiosidade, que, em seus porões, acha-se abandonada, a mais antiga imagem religiosa de Porto Alegre, a de São Francisco dos Casais.

Nesta época, foi construída também a Beneficência Portuguesa e foi idealizada a Praça com finalidade de evitar barulho. Foi, primitivamente, um simples largo.

O Largo da Conceição foi arborizado em princípios deste século e foi reformado no ano de 1931, ocasião em que recebeu as quatro figuras que fizeram parte do antigo chafariz da Praça da Matriz e que simbolizavam os rios formadores do estuário do Guaíba.

Esta reforma realizada em 1931, foi ordenada pelo prefeito Alberto Bins.

PRAÇA CONDE DE PORTO ALEGRE

Era chamada, antigamente, Largo do Quartel e Largo do Portão, sendo que o portão, localizava-se entre o atual Quartel e a Santa Casa

de Misericórdia, uma vez que, naquela época era cercada por uma palissada de madeira e terra batida, erguida em 1772 e que passava atrás da Santa Casa.

Este grande portão de estilo colonial, entrada da cidade, às 22 horas era fechado. Em 1850, transformaram os lados do portão em açougues públicos.

Inicialmente, não havia Praça — era um simples Largo, com um quiosque.

Em 1910, foi arborizada para receber a estátua do Conde de Porto Alegre que cedeu seu lugar, na Praça Marechal Deodoro, para o monumento a Julio de Castilhos. A partir daí a antiga Praça do Portão passou a denominar-se Praça Conde de Porto Alegre.

Estátua ao Conde de Porto Alegre, na Praça que leva seu nome.

REDENÇÃO

A Redenção era um campo baldio, de propriedade do Estado, doado ao município em 1806, pelo governador Paulo José da Silva Gama, para servir de pouso de carretas, recreação popular e destinada, em parte, à educação.

Chamava-se, primitivamente, Campo da Várzea e foi denominado Campo da Redenção, por causa da rendição de Uruguaiana, em 1865.

Começava na atual Escola de Engenharia e ia até a rua Venâncio Aires.

Em 1875, a Câmara Municipal, doou um trecho para construção da Escola Militar.

Em 1901, foi cedido terreno para construção das faculdades, a título precário. Com o encampamento das Faculdades pelo órgão federal, a Prefeitura perdeu seus direitos sobre estes terrenos.

Em 1924, foi construída, por Otávio Rocha, a primeira parte, denominada Parque Paulo Gama — é a parte fronteira à atual Cia. Carris e onde se encontra localizado o pequeno zoológico da cidade.

Em 1934, pelo centenário Farroupilha, o Prefeito Alberto Bins, resolveu fazer terraplanagens e construir, no Campo da Redenção, a exposição do Centenário Farroupilha, e arborizou o local.

A partir daí, o Campo da Redenção, ficou dividido em duas partes: Parque Paulo Gama e Parque Farroupilha, Separados pela rua Setembrina, prolongamento da rua da República.

Da época da exposição, conserva-se a fonte luminosa e o lago.

Recentemente, no ano de 1957, foi erigido o Monumento ao Expedicionário, na parte fronteira à rua José Bonifácio, frente ao Colégio Militar.

Até princípios deste século, a parte da avenida Osvaldo Aranha, era pouso das carretas, muito aproveitada para assombrações e «despachos», sendo que, pelas primeiras décadas do século, alunos da Escola Militar, percorriam o local, juntando o dinheiro dos «despachos».

A atual Escola de Engenharia, construída em 1900, por uma instituição particular, apoiada pelo governo, era o «Pavilhão do Rio Grande», na exposição estadual de 1901.

Passando a atual rua Sarmento Leite, havia um ring de patinação, cimentado, que foi o primeiro da cidade.

Pelo início do século, nas épocas de 1801 a 1817, do lado da João Pessoa, rua da Azenha havia grandes circos de touradas.

Tais reminiscências caracterizaram o Campo da Redenção antes de tornar-se Parque.

FONTES DE CONSULTA

- 1 — Visita às Praças.
 - 2 — Entrevista com o professor Walter Spalding — Diretor do Setor de Documentação da Secretaria Municipal de Administração.
 - 3 — Entrevista com o professor Francisco Macedo — da Divisão de Cadastro da Prefeitura Municipal.
 - 4 — Entrevista com o Sr. Archymedes Fortini — redator do Correio do Povo.
- Bibliografia
- 5 — Carta Topográfica da cidade de Porto Alegre.
 - 6 — O passado através da fotografia — Archymedes Fortini.
 - 7 — Porto Alegre antiga — Archymedes Fortini (a publicar)
 - 8 — Espaço — revista da Faculdade de Arquitetura.

